



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

OZIANA ANTÔNIA DA SILVA

**NAÇÃO E IDENTIDADE NACIONAL NA OBRA “OS SERTÕES”,  
DE EUCLIDES DA CUNHA**

PICOS, PI

2016

OZIANA ANTÔNIA DA SILVA

**NAÇÃO E IDENTIDADE NACIONAL NA OBRA “OS SERTÕES”,  
DE EUCLIDES DA CUNHA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História, da Universidade Federal do Piauí  
– UFPI, Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros,  
Como requisito parcial para obtenção do diploma de  
**Graduação em História.**

Orientador: Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

PICOS, PI  
2016

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S586n** Silva, Oziana Antônia da

Nação e identidade nacional na obra "*Os sertões*" de  
Euclides da Cunha / Oziana Antônia da Silva. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. ( 49f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade  
Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

1. *Os sertões*-Obra. 2. Identidade Nacional. 3. Sertão e  
Litoral. I. Título.

**CDD 981**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e nove (29) do mês de Julho de 2016, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Oziana Antônia da Silva** sob o título **NAÇÃO E IDENTIDADE NACIONAL NA OBRA "OS SERTÕES", DE EUCLIDES DA CUNHA**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador 1: Prof.<sup>a</sup>. Ms. Mara Gonçalves de Carvalho  
Examinador 2: Prof.<sup>a</sup>. Ms. Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira  
Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 29 de Julho de 2016

Orientador (a): Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador (a) 1: Mara Gonçalves de Carvalho  
Examinador (a) 2: Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira

Dedico esse trabalho em primeiro lugar a Deus, ao meu pai Raimundo da Silva e minha mãe Antônia Maria das Mercês, ao meu grande amor Silvan Solimar Ferreira, a toda a minha família, amigos e aos meus professores.

## AGRADECIMENTOS

Existe um ditado que diz “a vida é uma longa estrada”, ao percorrê-la nos deparamos com vários obstáculos que só puderam ser superados com o apoio das pessoas que amamos, e nesse momento gostaria muito de agradecê-las. Diante disso, e com imensa alegria que agradeço em primeiro lugar a Deus, por sempre está comigo e por ser a força que me governa, pelo dom da vida e por tudo que tem me proporcionado ser. Essa vitória é dedicada a ti Senhor.

Agradeço ao meu pai, Raimundo, por sempre me oferecer o melhor que pode, a minha mãe Toinha pelo suporte emocional e pelo incentivo, principalmente nos momentos difíceis; sou grata pelos exemplos de simplicidade, honestidade e lealdade, pelo apoio, incentivo e a compreensão, e como não falar do amor, carinho e cuidado que ambos me dedicaram a vida toda. Obrigado por sempre acreditarem em mim. Amo muito vocês.

Ao meu irmão Oziel, a minha cunhada Jecilaine pelo o apoio e o incentivo e para o mais novo príncipezinho da família Bryan César, a tia ama muito.

As minhas tias e tios, primas e primos, aos meus avôs maternos Francisco das Chagas (in memoriam) e Mercês, aos meus avôs paternos Francisco Neto e Helena, enfim a toda minha família pelo incentivo ao estudo e pelo carinho.

As minhas amigas e amigos de toda vida que mesmo não estando presente todos os dias nunca se fizeram ausentes por nenhum minuto, sou grata a vocês amigas (os) Wirlândia, Jailson, Josélia, Ronária, Cláudia, Silvania, Solange Gerlandi e Erlandi pelas conversas descontraídas e pelas alegrias proporcionadas.

As minhas amigas da UFPI, ou como eu sempre gosto de dizer amigas além da UFPI, sei que a nossa amizade independe da proximidade ou da distância na qual estivermos. Sabrina, Deísa, Mercês, Edna, Nádia, Dannyele, obrigada amigas pela cumplicidade, pelo afeto e pelos momentos de alegria que passamos juntas.

Em especial minha amiga/irmã inseparável Leiane. Como não falar de você de maneira especial se durante todo o curso foi a pessoa que mais despejei minha atenção e carinho. Amiga obrigada pelas conversas, conselhos e pela amizade verdadeira, só tenho a agradecer a Deus por me presentear com uma irmã de coração, te admiro muito.

Em especial minha amiga/irmã Larisse, “mi” a sua ingenuidade e delicadeza conquistaram a minha alma, sou grata por poder está ao lado de uma pessoa tão especial como você.

Enfim, sou grata a todas as minhas amigas da UFPI por sempre suportarem o meu jeito peculiar de ser e desculparem os meus “sincericídios”, obrigada por sempre me incentivarem e acreditarem em mim, sem vocês essa caminhada seria por demais exaustiva.

Sou grata a todos os professores que colaboraram para minha formação, cito apenas alguns: Nilsângela Cardoso, Marylu Alves, Mairton Celestino, Fábio Leonardo, as professoras Karla Íngrid e Mara Carvalho por aceitarem o convite de participarem da minha banca, sou grata ainda mais pelo carinho com o qual receberam o meu convite.

Agradeço especialmente ao meu orientador Gleison Monteiro, pela confiança que depositou em mim, e por não ser apenas um ótimo professor mais sim, um amigo compreensivo e o maior incentivador da minha vida acadêmica.

Por fim, o meu muito obrigado à pessoa que amo e me dá forças, ao meu porto seguro onde me reanimo e me refaço todos os dias, Silvan; obrigado meu amado esposo por todo incentivo e compreensão e por fazer parte da minha vida de uma maneira tão especial.

Agradeço imensamente a todos que acreditaram em mim, e contribuíram direta ou indiretamente para a realização desse trabalho.

“Eu sei que dizendo assim, eu não tou falando à toa, meu sertão tem coisa boa e também tem coisa ruim; umas que fede a cupim outras que chera a melão. De tudo sei a feição. Pois conheço uma por uma. Vou aqui dizer alguma das coisas do meu sertão”.

Patativa do Assaré

## RESUMO

Este trabalho visa analisar a identidade nacional brasileira a partir da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha. Euclides da Cunha narrou o episódio da guerra de Canudos, e evidenciou a dicotomia sertão e litoral que dividia o Brasil em dois; o Brasil do litoral que se considerava civilizado e desenvolvido e o Brasil do sertão que era atrasado e incivilizado, a partir dessa divisão de dois “brasis” proferida por Euclides da Cunha os sertões e os sertanejos foram inseridos no projeto de construção da identidade nacional e foram eleitos por Euclides da Cunha como os verdadeiros representantes da nacionalidade brasileira. No século XIX, houve a produção de diversos projetos de construção da identidade nacional, onde foram produzidas diferentes vertentes que moldaram a construção desses projetos, a maior parte deles contemplava apenas uma região do Brasil que era a região do litoral, esses projetos ignoravam ou excluíaam os sertões da identidade nacional brasileira. Euclides da Cunha formula então uma identidade nacional onde inseri os sertões no processo de construção da identidade nacional. Tentaremos assim analisar as discussões a cerca da nação e identidade nacional a partir da obra *Os sertões*, além disso, tentaremos compreender a dicotomia sertão e litoral que está presente no processo de construção da identidade nacional.

**Palavras-chave:** Os sertões; Identidade nacional; Sertão e litoral.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the Brazilian national identity from the work the hinterlands of Euclides da Cunha. Euclides da Cunha narrated the episode of Canudos war, and showed the hinterland and the coast dichotomy that divided Brazil in two; Brazil's coastline is considered civilized and developed and Brazil's hinterland that was backward and uncivilized, from that division two "Brazils" given by Euclides da Cunha the backlands and the backlands were inserted in the construction project of national identity and They were elected by Euclides da Cunha as the true representatives of Brazilian nationality. In the nineteenth century, there was the production of several national identity construction projects, which were produced different aspects that shaped the construction of these projects, most of them looked just a region of Brazil that was the coastal region, these projects ignored or excluded the hinterlands of Brazil's national identity. Euclides da Cunha then formulates a national identity where to insert the hinterlands in the construction of national identity process. So we try to analyze the discussions about the nation and national identity from the work the hinterlands, in addition, try to understand the dichotomy hinterlands and coastal area that is present in the construction of national identity process.

**Keywords:** The hinterlands; National identity; hinterland and coastal.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - UM “PAÍS” E MUITAS FACES: AS DIVERSAS VISÕES ACERCA DA ESCRITA DA HISTÓRIA DO BRASIL.....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 A história, o IHGB e a literatura.....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 Alguns dos diversos projetos de construção da identidade nacional brasileira.....</b>	<b>21</b>
<b>1.3 O Visconde do Uruguai: a centralização da nação; e a heterogeneidade da nação de Euclides da Cunha.....</b>	<b>27</b>
<b>1.4 Euclides da Cunha, e as suas principais influências em Os sertões.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II - SERTÃO UM LUGAR NO BRASIL.....</b>	<b>33</b>
<b>2.1 Conhecendo o sertão.....</b>	<b>33</b>
<b>2.2 Identidade e alteridade nos Brasis de Euclides da Cunha.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 À inserção do sertão como parte integrante da formação da nação brasileira.....</b>	<b>40</b>
<b>2.4 O Piauí na construção da identidade nacional.....</b>	<b>43</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema Nação e identidade nacional na obra “*Os sertões*”, de Euclides da Cunha<sup>1</sup>, esse clássico da literatura brasileira irá nos ajudar a compreender o ideal de nação propagado por Euclides da Cunha e sua nova definição de Brasil, a ideia de que existiriam dois brasis o do sertão e o do litoral, tendo como objetivo problematizar as discussões acerca da nação e da identidade nacional a partir da obra “*Os Sertões*”; bem como contextualizar e historicizar as vertentes que moldaram os projetos da identidade nacional brasileira, analisando criticamente a visão apresentada por Euclides da Cunha sobre o processo de construção da identidade nacional brasileira na obra “*Os sertões*” e por fim compreender a dualidade sertão x litoral no processo de construção da identidade nacional.

A realização desse trabalho justifica-se por ser uma pesquisa viável e que tem uma temática de cunho acadêmico, tendo em vista a grande discussão produzida no século XIX que inspirou a ampliação em torno da discussão da formação da identidade nacional brasileira, além disso, se faz necessário uma análise atual sem as influências sociais da época.

Esse trabalho justifica-se também por sua relevância social, há nele a tentativa de incorporar o sertão na identidade nacional brasileira, já que na maior parte da produção historiográfica brasileira via-se principalmente o enaltecimento do litoral como principal representante da nação, excluindo o sertão e povo sertanejo da construção da identidade nacional.

Trabalhar com a temática da formação da identidade nacional brasileira ainda hoje é de suma relevância, pois os ideais de nação apresentados pela a historiografia do século XIX ainda são pertinentes e relevantes principalmente se levarmos em consideração que as temáticas que construíam essas ideias ainda estão fortemente presentes no mundo atual, como afirma Barbosa<sup>2</sup>, ao longo do século XX o sertão sofreu mudanças na sua configuração territorial e no processo de inserção política no quadro nacional, porém, os conceitos e pré-conceitos que

---

<sup>1</sup> Euclides Pimenta Rodrigues da Cunha

<sup>2</sup> BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar-incomum**: o sertão do Ceará na literatura do século XI/Ivone Cordeiro Barbosa.- Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE; Secretária de Cultura e Deposto do Estado, 2000.

cercam essa região permanecem imutáveis na construção da imagem dos sertões por muito tempo.

Como podemos observar não é apenas na historiografia brasileira, mas também no cenário social que há uma exclusão do espaço e do povo sertanejo no contexto histórico nacional.

O interesse por esse tema surgiu na graduação<sup>3</sup> onde tive o contato com a “grande temática do século XIX a busca por uma identidade nacional”, o grande incentivo para o interesse por essa temática foi uma das avaliações da disciplina de Historiografia brasileira, um seminário com obras relativas a esse recorte temático<sup>4</sup>, cabia à dupla da apresentação a escolha da obra, optamos então a obra “Os sertões” de Euclides da Cunha, mas o outro graduando desistiu da disciplina, fato que poderia ter causado medo, mas pelo contrário, serviu de incentivo para que meu interesse aumentasse ainda mais por essa temática e ao longo do planejamento da apresentação do seminário foram realizadas várias pesquisas sobre os projetos de identidade nacional.

Durante a pesquisa percebemos que era de fundamental importância à análise do por que se fez necessário uma história oficial, bem como conhecer as versões mais difundidas, tivemos assim a oportunidade de apreciar uma produção historiográfica<sup>5</sup> com a abordagem de diferentes autores sobre o tema, fazendo crescer cada vez mais a curiosidade e a necessidade de ter um conhecimento mais profundo, nas leituras realizadas havia algumas questões que precisavam ser esclarecidas, por exemplo: o porquê da necessidade de criar uma nação e pontuar a identidade nacional? Quais os caminhos que foram percorridos para a construção dessa nação? Quais identidades foram projetadas? Como foi caracterizado o “povo”

<sup>3</sup>O interesse pelo tema se manifestou em 2015 no 5º período do curso de História na disciplina de Historiografia brasileira ministrada pelo professor Mairton Celestino da Silva, professor do curso de História da UFPI/CSHNB.

<sup>4</sup>A temática dos seminários era a formação da identidade nacional brasileira no século XIX, onde foram disponibilizado várias obras de interpretes da historiografia brasileira entre elas estavam: Os sertões de Euclides da Cunha, Casa grande & senzala, de Gilberto Freire entre outras.

<sup>5</sup>Entre eles podemos citar autores como: VANHARGEN, Francisco Adolfo de. **Visconde de Porto Seguro**, 1816- 1878. Varnhagen; história / organizador [da coletânea] Nilo Odália. – São Paulo: Ática 1979.; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. **Como se deve escrever a história do Brasil**. RIHGB, n. 24, jan./mar. 1845; PITA, Sebastião da Rocha. 1660-1738. **História da América Portuguesa**, Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.; FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.51.ed.São Paulo. Global. 2006.; PRADO JUNIOR , Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo.Brasiliense.2006.; GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, entre outros.

brasileiro? Suas práticas? Seus aspectos geográficos? E os históricos? Como foi construída a dualidade sertão e litoral?

Tendo em vista a extensa bibliografia e tomando essas problematizações iniciais como referências, estas nos obrigaram a centralizar o diálogo a partir de algum dos autores. Logo, o olhar foi direcionado para algo mais particularizado.

Portanto, resolvemos analisar essas indagações acima mencionadas a partir da obra de Euclides da Cunha, especificamente, “*Os Sertões*”.

O objeto desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é o ideal de nação propagado por Euclides da Cunha na obra “*Os sertões*” que se constituirá como nosso objeto de pesquisa e a nossa fonte primária.

A escolha dessa fonte se dá pela posição do autor em relação à construção de dois Brasis: o que se formou no litoral e no sertão, evidenciando nessa obra a inserção do sertão na conjuntura da identidade nacional influenciando assim vários autores.

A abordagem peculiar feita por Euclides da Cunha evidenciou a nacionalidade exacerbada da população litorânea que não reconhecendo nos sertões a mesma nacionalidade tentou exterminá-la<sup>6</sup>, sendo visualizada a “distinção” entre a população brasileira propagando a construção de dois brasis.

A obra “*Os sertões*” foi publicada no limiar do século XIX e sofreu algumas influências da época como: o discurso de raças, o determinismo, o naturalismo, entre outros.

O determinismo e o naturalismo foram de forte influência para a escrita da obra, percebemos isso na estrutura do livro com três divisões que contemplam os ideais do determinismo: o meio, a raça e momento e na obra: a terra, o homem e a luta, que será abordado mais profundamente no item 1.4 Euclides da Cunha, as suas principais influências em “*Os sertões*”.

Euclides da Cunha é o primeiro autor a trazer uma nova abordagem sobre a raça, para esse antropólogo a formação brasileira não é um produto único, não é

---

<sup>6</sup> Euclides da Cunha afirma que esse extermínio foi um crime em *Os sertões*, o autor faz a denúncia, como podemos observar nas suas palavras. “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”. (p. 14)

homogêneo, e não é representado por um único ser antropológico, mas sim constituído por subformações: o mulato, o mameluco e o cafuz<sup>7</sup>.

Euclides da Cunha ressalta que as raças: portuguesa, indígena e negra, assim como as suas subformações, citadas anteriormente, foram fortemente influenciadas pelo meio físico. Segundo Euclides da Cunha, os índios não foram exterminados, mas, sim, levados à extinção pelo meio físico pela falta de adaptação, em relação aos negros foi o seu material genético fraco<sup>8</sup> que acarretou a sua decrescente influência, levando a vitória final dos brancos o que é ressaltado no seguinte trecho:

Alguns firmando preliminarmente, com autoridade discutível, a função secundária do meio físico e decretando preparatoriamente a extinção quase completa do selvícola e a influência decrescente do africano depois da abolição do tráfico, prevêem a vitória final do branco, mais numeroso e mais forte, como termo geral de uma série para o qual tendem o mulato, forma cada vez mais diluída do negro, e o caboclo, em que se apagam, mais depressa ainda, os traços característicos do aborígine.<sup>9</sup> (sic)

Euclides da Cunha faz uma descrição minuciosa do sertão colocando-o como uma região que não fazia parte do restante do país, pois era discriminada e excluída pela população do litoral<sup>10</sup>, tendo em vista esse direcionamento o autor trabalha com uma nova definição do Brasil; a ideia de que existiriam dois “Brasis”: o do sertão e o do litoral.

Outras fontes, secundárias que iram ajudar na pesquisa serão: a tese de Talita Cristina Pimentel<sup>11</sup>, *A nação e seus outros: uma leitura subalterna de Os sertões*, nela a autora trabalha como Euclides da Cunha faz a defesa de um ser antropológico nacional alicerçando o seu projeto de nação.

<sup>7</sup> De acordo com Euclides da Cunha são respectivamente, produtos do negro e do branco, do branco e do tupi, do tupi e do negro.

<sup>8</sup> Vale ressaltar que essa caracterização era proveniente de um discurso eurocêntrico presente no século XIX.

<sup>9</sup> CUNHA, Euclides da . *Os sertões - campanha de Canudos*, edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. p.70.

<sup>10</sup> Em grande parte da produção historiográfica brasileira do século XIX havia o enaltecimento do litoral como principal representante da nação, excluindo o sertão e povo sertanejo da construção da identidade nacional.

<sup>11</sup> PIMENTEL, Talita Cristina Pimentel. **A nação e seus outros: uma leitura subalterna de Os sertões de Euclides da Cunha**. 2010. 79 f. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos. 2010.

Para compreendermos a relevância da obra de Euclides da Cunha se faz inerente abordar a trajetória do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que teve acesso através da obra de Manoel Luís Salgado Guimarães<sup>12</sup> “Nação e civilização nos trópicos: o instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma história nacional”.

A obra “*Os sertões*” é uma importante fonte histórica quando se fala em identidade nacional, pois abarcou os principais temas do século XIX como as questões de raça e de civilização, como o ponto central desse trabalho será o dualismo entre o sertão e o litoral, que ainda nos dias atuais é uma temática de enorme relevância, não é pertinente a restrição num recorte temporal delimitado fechadamente, pois serão feitos recuos, avanços e reflexões sobre esse tema, mas para fins didáticos transitaremos entre 1838 com a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, até 1902 com a publicação do livro “*Os sertões*”.

De acordo com Salgado Guimarães<sup>13</sup>, o Brasil possuía território e povo o que faltava para a formação da nação era um discurso formador e esse projeto de formação nacional se deu através do IHGB, instituição fundada no ano de 1838, é a primeira instituição brasileira a dar importância à história do Brasil construindo uma história oficial de cunho acadêmico e de caráter científico.

O projeto de formação nacional organizado pelo IHGB irá ajudar esse trabalho no conhecimento dos diversos projetos da nação que estavam sendo construídos no século XIX, e também na contextualização e historicização das várias vertentes que moldaram os projetos da identidade nacional brasileira.

Dentro do projeto do IHGB, podemos destacar o ideal de nação de Francisco Adolfo de Varnhagen, considerado por muitos como o verdadeiro fundador da história do Brasil, dado a sua importância, muitos autores já revisitaram a sua obra, sendo mais pertinente no momento dessa pesquisa de monografia a utilização do recente Trabalho de Conclusão do Curso (TCC)<sup>14</sup> de Ana Priscila de Souza Sá referente ao ideal de nação de Varnhagen; para o auxílio dessa pesquisa será muito útil a problemática levantada no seu trabalho, o papel do intelectual como o formador

---

<sup>12</sup>GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

<sup>13</sup> Ibidem

<sup>14</sup>SÁ, Ana Priscila de Sousa. **Do império do Brasil à nação brasileira: O memorial orgânico de Varnhagen e a construção de uma nação civilizada nos trópicos**. 2013. 151f. Monografia (Curso de Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

da nação brasileira transformando a massa heterogênea da população em povo unificado, ou seja, centralizando a nação, esse pressuposto da centralização da nação difere em alguns pontos do pressuposto de dois brasis defendido por Euclides da Cunha, mas diretamente ligado a política do Visconde de Uruguai assim como afirma Ivo Coser:

Para Uruguai e para grande parte dos políticos brasileiros do período aqui estudado, a sociedade brasileira seria profundamente marcada por uma heterogeneidade interna: uma parte seria marcada pelos traços da *civilização*, enquanto a outra parte traria a marca dos *costumes bárbaros*. Dentro dessa heterogeneidade interna, Uruguai assinala claramente: que a parte bárbara do país constitui-se em região distinta, separada, sem vínculos com as regiões civilizadas<sup>15</sup>.

Nesse caso serão estudados os conceitos de sertão, civilização, barbárie e a dicotomia sertão X litoral analisado e interpretado por Ivo Coser.<sup>16</sup>

De acordo com Ivo Coser:

O projeto político de Uruguai para a sociedade brasileira apontava para a implantação deste padrão de civilização, e não existia no seu argumento uma tentativa de preservar o exótico presente na barbárie; o sertão, com seus conteúdos particularistas, deveria ser superado. Existe uma clara percepção de que o sertão era um elemento estranho à ordem liberal que estava em construção no Brasil.<sup>17</sup>

Através dessa citação fica nítido que o ideal de nação propagado pelo Visconde do Uruguai (no período de 1836 a 1865) era bastante divergente daquele propagado pelo Euclides da Cunha, por isso é interessante analisar como ambos definem os seus conceitos, sendo que cada um deles os define a partir das influências de sua época de produção.

Analisaremos também o conceito de sertão ressignificado pela professora Ivone Cordeiro Barbosa<sup>18</sup>, que permeia as experiências do espaço sertanejo em coisas boas e ruins, analisando histórico e geograficamente o seu posicionamento em relação aos sertões.

---

<sup>15</sup> COSER, Ivo. O pensamento político do Visconde do Uruguai e o debate entre centralização e federalismo no Brasil (1822-1866), 2005. 432f. (TESE) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, 2005 ,p.170.

<sup>16</sup> Ibidem

<sup>17</sup> Idem, p.168.

<sup>18</sup> BARBOSA, 2000.

No primeiro capítulo: “Um “país” e muitas faces: as diversas visões acerca da escrita da história do Brasil”, se faz uma abordagem sobre alguns dos diversos projetos de construção de identidade nacional. Assim, foi elaborada uma breve explanação sobre os projetos de construção de identidade nacional de autores clássicos da historiografia brasileira, tais como Rocha Pita, Manoel Luiz Salgado Guimarães, Von Martius, Varnhagen<sup>19</sup>; será ressaltado algumas questões como raça, civilização e sertão.

Foi elaborada também uma reflexão sobre literatura e história, direcionando a obra de Euclides da Cunha como uma história literária desvinculada de uma história romanesca e ficcional.

E como nenhuma obra se faz sem autor, abordaremos um pouco da vida de Euclides da Cunha, bem como as influências que sofrerá por toda vida, será abordado a sua experiência de vida como escritor, engenheiro, intelectual e, principalmente, como co-protagonista de sua obra, conheceremos um pouco das influências para a escrita de “*Os sertões*”, entre elas: o determinismo, o naturalismo entre outras.

No capítulo dois – “Sertão um lugar no Brasil” – onde será abordado o ponto central desse trabalho, a dicotomia sertão X litoral, civilização X barbárie, onde será discutido a inserção do sertão como parte integrante da formação da nação brasileira.

Abordaremos com mais profundidade o ideal de nação propagado pelo Visconde de Parnaíba que é divergente do propagado por Euclides da Cunha, por isso é interessante analisar como ambos definem os seus conceitos.

Analisarei também o conceito de Sertão ressignificado pela professora Ivone Cordeiro Barbosa<sup>20</sup>, que permeia as experiências do espaço sertanejo, analisaremos historicamente o seu posicionamento em relação aos sertões.

---

<sup>19</sup> Conforme nota desta monografia na página 11.

<sup>20</sup> BARBOSA, 2000.

## **CAPÍTULO I: UM “PAÍS” E MUITAS FACES: AS DIVERSAS VISÕES ACERCA DA ESCRITA DA HISTÓRIA DO BRASIL**

Para iniciar essa discussão se faz necessário o conhecimento de alguns projetos de construção de identidade nacional, com alguns dos “intérpretes vencedores” devemos observar como foi produzida a história da formação da nação brasileira, por quem e para quem foi escrita, o porquê da necessidade de criar uma nação e pontuar a identidade nacional, quais os caminhos que foram percorridos para a construção dessa nação, quais identidades foram projetadas.

De início, abordaremos como a literatura foi utilizada como veículo para a construção da nação.

### **1.1 A história, o IHGB e a literatura**

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a literatura são definidos por Rodrigo Turin<sup>21</sup> como “espaços de produção historiográficos”. “O IHGB seria uma instituição de um corpus aquitívisticos, onde haveria a produção de uma história filosófica da nação brasileira” e a “historiografia literária” e tinha por objetivo fundar uma literatura nacional. O autor ressalta ainda que o IHGB e a literatura tinham o mesmo agente a “elite imperial”. Ou seja, a maior parte da história nacional foi formulada e elaborada para a elite imperial, por isso é muito pertinente olharmos atentamente para essas histórias disponíveis e questionarmos as suas falhas e acertos.

De acordo com Rodrigo Turin<sup>22</sup>, havia uma tradição historiográfica imperial que congregava história, literatura e nação, e que a história da nação seria formulada na transição do XIX para o XX. De acordo com Nicolau Sevcenko é nesse período que ocorreram mudanças profundas na sociedade brasileira e que elas foram registradas pela literatura. O autor afirma ainda que:

---

<sup>21</sup> TURIN, Rodrigo. **Narrar o passado, projetar o futuro**: Sívio Romero e a experiência historiográfica oitocentista. 2005. 203 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

<sup>22</sup> TURIN, 2005.

A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendrem ideias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo como os demiurgos da lenda grega os faziam.<sup>23</sup>

Seguindo nessa perspectiva de Nicolau Sevcenko, podemos ver a literatura como instrumento primordial para uma análise historiográfica, não havendo nenhum problema em trabalhar história e literatura, por isso escolhemos uma obra-prima da literatura brasileira *Os sertões*”.

Nicolau Sevcenko observa na escrita literária de Euclides da Cunha:

A transparência dos seus textos com relação à realidade dos fatos que animavam a ação social do período é quase total. Esse realismo premeditadamente intoxicado de historicidade e presente é uma das características mais típicas de sua literatura e o afasta em proporção visível de seus confrades de pena, europeus ou nacionais.<sup>24</sup>

Nicolau Sevcenko ressalta que Euclides da Cunha sintoniza a sua literatura com os fenômenos sociais que lhes são contemporâneos, se distanciando da literatura romanesca e de qualquer tipo de ficção.

Podemos perceber que a literatura é uma instituição:

Nesse contexto globalizante, a literatura aparece como uma instituição, não no sentido acadêmico ou oficial, mas no sentido em que a própria sociedade é uma instituição, na medida em que implica uma comunidade envolvida por relações de produção e consumo, uma espontaneidade de ação e transformação e um conjunto mais ou menos estável de códigos formais que orientam e definem o espaço de ação comum.<sup>25</sup>

É partindo desse pressuposto de Sevcenko que a literatura pode ser utilizada como uma instância para analisar a sociedade.

Pesavento<sup>26</sup> tem a preocupação de chamar a atenção para o fato de que tanto a história como a literatura estão imersas na subjetividade, ambas “comportam

<sup>23</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão** – tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 284.

<sup>24</sup> Idem, p. 155.

<sup>25</sup> Michel Foucault, El orden del discurso, p.46-8, \_\_\_\_IN.: SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão** – tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 299.

<sup>26</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Literatura, história e identidade nacional, Vidya 33, Janeiro e junho, 2000..

também a preocupação da verossimilhança”. Pesavento afirma então que: “A ficção não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo”.

Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta. Ou seja, a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal e o que nela se resgata é a representação do mundo que comporta a forma narrativa. Aliás, pode se argumentar que, segundo estas posturas, a história também não é passível de uma leitura literal, sendo ela também uma representação do real e comportando, pois, a atribuição de um sentido<sup>27</sup>.

A narrativa literária não tem o compromisso da representação fiel do fato acontecido, no entanto, a narrativa apresenta em si uma explicação do real, de acordo com Pesavento “a narrativa comporta em si uma explicação do real e traduz uma sensibilidade diante do mundo, recuperada pelo autor”.

O escritor/autor tem um importante papel na construção do seu ideal de nação, por isso se faz pertinente conhecermos um pouco da vida, das influências, do contexto social em que o autor está inserido, esse será o assunto abordado mais a diante no item 1.4 “Euclides da Cunha e as suas principais influências”.

A autora Mônica Pimenta Velloso<sup>28</sup> assim como Nicolau Sevcenko fala sobre a literatura como uma “instância portadora/e o refletora do mundo social” que foi, assim, caracterizada pelas mais diferentes correntes de pensamento, pois “a produção literária aparecia como reflexo imediato e diretamente condicionado pela ordem social<sup>29</sup>” servindo como um paradigma de análise. Porém, Mônica Pimenta Velloso chama a atenção para o uso dessa forma simplista, pois a literatura não pode ser vista apenas como um “mero testemunho da sociedade como uma espécie de documento destinado exclusivamente ao registro dos fatos”, deve-se levar em conta o uso da subjetividade, a realidade objetiva e subjetiva.

Devemos observar na literatura a problematização da realidade histórica, analisar os questionamentos, apontamentos, as influências que os autores sofreram durante a produção da obra.

Ainda nas menções de Velloso vemos a relação entre literatura e nação, observamos na citação abaixo o vínculo entre literatura e nação.

<sup>27</sup> PESAVENTO, 2000. P.11

<sup>28</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como espelho da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 1, n 2, 1988.

<sup>29</sup> VELLOSO, 1988, p.239-263.

No afã de *retratar* o Brasil, nossa literatura inclinou-se mais para as tendências realistas do que propriamente ficcionais. Isso porque ou a ficção foi considerada matéria de segunda grandeza (devido à sua alegada incompatibilidade com o "real"), ou significava uma ameaça à ordem de valores vigente. Pertencente ao universo da subjetividade, a ficção passou a ser vista como peça indesejável e prejudicial em um discurso cujo referente era exterior, ou seja, a *nação*. Obcecado pela captura do real-nação e pela caça ao documento, o discurso dos nossos intelectuais nasceu na confluência entre o discurso histórico e o discurso literário. Assim é que as mais significativas expressões da sensibilidade nacional assumiram esse discurso heterodoxo, onde literatura e história se confundiam na apreensão da nação.<sup>30</sup>

Vemos, então, a relação entre literatura e nação que se tornou inerente dentro da produção literária<sup>31</sup> dos projetos de construção da identidade nacional no século XIX.

## **1.2 Alguns dos diversos projetos de construção da identidade nacional brasileira**

A vasta historiografia brasileira<sup>32</sup> referente ao século XIX abrangem várias versões e visões sobre a história da construção da identidade nacional brasileira o que possibilita contextualizar e historicizar as vertentes que moldaram os projetos da identidade nacional, indagando-os ou pelo menos visualizando as suas permanências e contradições.

Apontaremos alguns desses projetos para que se perceba a interpretação de alguns autores em relação a questionamentos importantes e extremamente debatidos no século XIX, como as questões de raça e civilização, visando apresentar em linhas gerais os principais temas abordados por essa historiografia bem como apresentar os autores clássicos; porém não será possível apresentar todas as questões e nem todos os autores, mas tomamos alguns como conhecimento relativo a diversidade de versões de projetos para “a nação brasileira”.

---

<sup>30</sup> VELLOSO, 1988, p. 241.

<sup>31</sup> Podemos citar como exemplo FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51.ed.São Paulo. Global. 2006.

<sup>32</sup> Conforme nota desta monografia na página 11.

Durante o processo de consolidação do estado nacional, a elite política e intelectual<sup>33</sup> da época depara-se com a tarefa de criar uma identidade própria para a “nação brasileira”. Tendo a preocupação da formação de uma identidade para a recente nação aparecem, então, vários questionamentos, como: “quem somos” o que “nos constitui como brasileiros.”

O projeto de formação da identidade nacional organizado pelo IHGB, evidência a diversidade de projetos que estavam sendo construídos para a recente nação, e isso irá nos ajudar na contextualização e historicização das várias vertentes que moldaram os projetos da identidade nacional brasileira.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi criado em 1838, com o apoio da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN). O IHGB tinha como missão ser o “guardião da história oficial”, mas também a “casa da memória nacional”. Para isso, contava com 27 sócios fundadores, entre eles figuravam membros da elite do império, alguns médicos, juristas, professores e funcionários públicos.

Como já foi dito, ao longo da história houve visões diversas e divergentes acerca da escrita da história do Brasil nas visões dos autores conceituados como clássicos da nossa historiografia; são eles<sup>34</sup>: Rocha Pita, Manoel Luiz Salgado Guimarães, Von Martius, Varnhagen; todos buscavam uma história que tinha com base a construção de uma identidade nacional fincada nos elementos constituintes do Brasil, mais adiante abordaremos os seus projetos de nação.

A história do Brasil irá se constituir através de vários tipos de história. Em Rocha Pita, podemos observar uma história narrativa, descritiva de cunho literário, que se contrapõem há um estilo de história seguido do modelo acadêmico propagada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), essa discussão historiográfica será pautada com os seguintes autores: Rocha Pita, com suas narrativas brasílicas; em seguida Von Martius com uma história pragmática.

Sebastião da Rocha Pita, nasceu em 1660 na Bahia, foi poeta do século XVIII, como historiador foi membro da ordem de letrados na academia real de história portuguesa, e no Brasil foi um dos fundadores da Academia Brasílica dos Esquecidos. É autor da obra “*História da América portuguesa*” de 1730, a qual se

---

<sup>33</sup> Era um grupo de 27 sócios que fundaram o (IHGB) Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, entre eles pessoas ligadas a política nacional, médicos, professores e funcionários públicos.

<sup>34</sup> Conforme nota desta monografia na página 03.

destacou por ser a primeira obra da história do Brasil publicada abarcando todo o seu território.

A sua obra aborda o descobrimento do Brasil, fazendo uma descrição do novo mundo. Nesse livro o autor utiliza-se de relatos de viajantes, arquivos de ordens religiosas. Rocha Pita faz uma descrição sobre o Brasil, enaltece as paisagens brasileiras, descreve os nomes que foram impostos ao novo mundo, relata sobre as belezas dos montes, a grandeza dos rios, as ervas, flores, árvores e frutas tanto naturais como estrangeiras, enfim, ele descreve o que vê nesse novo mundo.

Na sua narrativa sobre o Brasil fala da grandiosidade do território, da exuberância da fauna e da flora, descreve o novo mundo como um grande paraíso, sempre adjetivando as coisas. Rocha Pita foi o primeiro a escrever uma história nacional, mas de caráter não científico, pois era uma história descritiva acerca do novo mundo e através dessa escrita houve uma construção de uma identidade nacional, embora o autor não tenha feito isso conscientemente<sup>35</sup>.

Rocha Pita foi o primeiro a escrever sobre a história nacional, através de narrações descritivas sobre a grandiosidade do Brasil, do seu espaço-físico, e esse tipo de escrita utilizada era bastante comum na sua época, onde a escrita era descritiva, narrativa e cronista, ainda não havia uma história problema<sup>36</sup>. Ou seja, de acordo com as ponderações de Rocha Pita, se pode observar a presença do discurso naturalista. O que estava sendo feita era uma narrativa brasílica que atendia aos interesses da dominação portuguesa já elegendo como o discurso vencedor.

Euclides da Cunha, assim como Rocha Pita, é influenciado por ideais naturalistas, ambos os autores descrevem o meio, narrando a fauna, a flora, enfim narram o lugar. Essa ideia de narrar o lugar, em Euclides da Cunha, se dá por seus ideais deterministas em que se utiliza o meio, (na sua obra utiliza a palavra terra) como característica do determinismo, acreditando que os acontecimentos sociais são sempre determinados por três fatores: meio, raça e momento histórico. Euclides

---

<sup>35</sup> Não era sua intenção tentar construir uma identidade para esse território, o que o autor queria era mostrar para o rei de Portugal que essas terras estavam prontas para a colonização, ou seja, era um apelo para que Portugal colonizasse a nova terra, era um chamamento para a colonização.

<sup>36</sup> História – problema de acordo com a escola dos Annales era uma história que questionasse os acontecimentos, ver mais sobre o assunto em Peter Burke.

da Cunha dividiu a obra em três partes: terra (meio), homem (raça) e luta (momento histórico).

Outro importante autor clássico da nossa historiografia é Salgado Guimarães<sup>37</sup>. Para esse autor, o Brasil possuía território e povo e considera o que faltava para a formação da nação era um discurso formador e esse projeto de formação nacional se deu através do IHGB, a primeira instituição brasileira a dar importância à história do Brasil construindo uma história oficial de cunho acadêmico e de caráter científico.

Esse projeto materializa-se, então, em 1838, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), os responsáveis foram a elite intelectual e política da época. De acordo com Sá o IHGB tinha como compromisso “o de auxiliar na construção e consolidação da nação brasileira”.

Podemos observar em Sá<sup>38</sup>, que:

Tal empreendimento não seria fácil, dada a própria configuração do Estado brasileiro no momento em questão. Quando figuras importantes do cenário nacional como Barboza e Cunha Mattos, ambos membros da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), propuseram a fundação de um Instituto Histórico, o Brasil ainda vivia sob a administração regencial e todas as suas dificuldades em manter a “ordem” e a unidade nacionais, num ambiente de revoltas provinciais, inclusive dotadas de caráter separatista. Algo impensável do ponto de vista político-administrativo que tanto prezava pela integridade territorial da Nação, marca indelével do século XIX brasileiro<sup>39</sup>.

O IHGB é a mais antiga entidade de pesquisa historiográfica com o intuito de construir um perfil para a nação brasileira, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das nações, ela é a primeira instituição a se preocupar em escrever uma história sobre o Brasil, tendo como objetivo criar um discurso fundador, uma história oficial, sendo que a maioria dos seus fundadores não eram historiadores, mas, sim, juristas, militares e médicos. A partir de sua criação percebemos que havia claramente a preocupação da elite letrada e política com o projeto de formular uma história do Brasil, projeto esse que devia atender os interesses dessa elite.

---

<sup>37</sup> Vale lembrar que Salgado Guimarães na sua obra “Nação e civilização nos trópicos” faz uma interpretação dos sujeitos que escreveram no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>38</sup> SÁ, 2013.

<sup>39</sup> Idem, p.16.

O IHGB trouxe novos laços nas relações com o estado imperial, onde o imperador passou a participar mais do instituto, sendo o principal sócio e mantenedor do instituto.

O instituto começava a dar prioridade a trabalhos inéditos nos campos da história, da geografia, da etnografia, contudo para esse trabalho abordaremos apenas as questões referentes a temática da história.

Uma das tarefas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro era o de criar um discurso fundador para o Brasil, com isso começou a produção de uma história de caráter científico, que priorizava a institucionalização da história.

IHGB com o intuito de produzir e estimular a criação da história da pátria promove um concurso de monografias e dissertações com o tema: “qual o melhor sistema para escrever a história do Brasil”, o texto premiado foi a de Karl Friedrich Phillip Von Martius, intitulado “Como se deve escrever a História do Brasil” nela o autor propôs uma história que fosse ao mesmo tempo filosófica e pragmática incluindo nesta formação a mescla das três raças.

Von Martius em *Como se deve escrever a história*; publicada no ano de 1845, traz a necessidade do historiador de explicar a participação de cada uma das três raças (negra, índia e branca) que contribuíram para a formação do país recém-independente. Von Martius aborda cada uma dessas raças e ressalta a importância delas para a formação da população brasileira.

Von Martius foi o primeiro a falar da importância dos índios e negros, se utilizando de uma história comparativa, pois compara os índios a outras civilizações remotas como as dos astecas, e dizia que mesmo que os índios não tivessem deixados grandes monumentos eles mereciam grande atenção.

Para Von Martius, a arqueologia e etnografia estavam implicadas no trabalho de quem estivessem interessados em escrever a história do Brasil.

Outro importantíssimo interprete da historiografia brasileira é Varnhagen, filho de pai alemão e mãe portuguesa, Varnhagen, nasceu em 1816 em Sorocaba, São Paulo, foi para Portugal em 1823, fez cursos de paleografia, diplomacia e economia política, serviu ao exército, mas quis regressar ao Brasil e conseguiu isso através de um decreto.

Varnhagen é considerado, por muitos como o verdadeiro fundador da historiografia brasileira, é filho de estrangeiros e viveu poucos anos no Brasil, sua carreira diplomática desenvolveu-se tanto na Europa como na América do Sul o que

facilitou a consulta de arquivos para levantamento de documentos para a elaboração de seus trabalhos históricos. Sua obra mais importante é a História geral do Brasil, que aborda a história do Brasil.

Varnhagen traz o surgimento de um país independente e um projeto político que tinha como objetivo a constituição de uma nação branca, um estado centralizado e a constituição de um homem branco brasileiro que seria fruto das três raças, o branco o negro e o índio. Para o autor, a nação deveria ser uma nação branca e europeia, possivelmente a opção pela nação branca é consequência de um processo histórico de confrontação com vitória do branco e a civilização europeia é superior porque traz lei, autoridade para a nova nação, de acordo com Sá percebemos em Varnhagem um legítimo representante do pensamento dos aristocratas do século XIX.

O projeto de nação Varnhagen era bastante influenciado pelos princípios do eurocentrismo afirmava que quando os portugueses conquistaram a América introduzirem a civilização, e por sermos descendentes de portugueses estávamos caminhado para a evolução.<sup>40</sup>

O objetivo de Varnhagen ao redigir o Memorial Orgânico era “despertar a atenção pública, especialmente a dos representantes da Nação, sobre algumas questões importantes para a nossa melhor organização”<sup>1</sup>; medidas relativas à organização do território e da população do Império do Brasil, que visavam garantir a integridade e a unidade territoriais dentro de uma Nação compacta, homogênea e civilizada. Para organizar o território propunha a abertura de uma rede de comunicações para integrar as diversas áreas do Império, a redivisão das províncias e a mudança da capital para o interior; na organização da população, a civilização dos índios pela tutela forçada, o fim do tráfico de escravos e a imigração europeia para o Brasil. Tomadas essas medidas Varnhagen acreditava ver em pouco tempo o Império constituído numa Nação compacta, civilizada e verdadeiramente independente.<sup>41</sup> (sic)

Devemos ressaltar que o projeto de nação de Varnhagem estava situado em um contexto específico, como podemos observar na citação acima, havia uma forte carga de conceitos daquela época que conduziram o erudito Varnhagen a formular algumas de suas hipóteses interpretativas para a formação da nação<sup>42</sup>.

<sup>40</sup> Era a ideia do progresso da civilização postulado pelo antropólogo Cliford Taylor.

<sup>41</sup> SÁ, 2013, p 12.

<sup>42</sup> Entre as teorias de Varnhagen está a teoria do branqueamento, que com o tempo os povos mestiços desapareceriam, pois, os seus genes seriam absorvidos pelos genes dominante, da raça superior a branca, ocasionando a homogeneidade da população brasileira.

De acordo com Ana Priscila de Sousa Sá:

Fazia parte do projeto de Nação vislumbrado por Varnhagen o branqueamento da população brasileira através da miscigenação e o consequente desaparecimento das raças indígena e negra, tidas como inferiores, dentro da superioridade da raça branca europeia, cuja vinda de imigrantes deveria ser estimulada pelo Estado brasileiro, para a conclusão deste processo em até dois séculos. Para Varnhagen índios e negros eram elementos potencialmente perigosos dentro da sociedade que, caso se rebelassem, poderiam concorrer para a perda da unidade nacional ou mesmo talvez para a dissolução do Estado.<sup>43</sup>

O medo da perda da unidade nacional influenciou Varnhagen a acreditar no modelo de política de centralização do Império do Brasil, pois vislumbravam um modelo de nação compactada e civilizada, esse ideal de Varnhagen era compatível com o objetivo da elite dirigente de efetivar uma política de centralização do poder administrativo, ou seja, havia o interesse das classes dirigentes em ter uma centralização político-administrativa com a finalidade de possuir um Estado forte e soberano, assim como afirma Paulino José Soares de Sousa “a centralização é a unidade da nação e a unidade do poder”.

### **1.3 O Visconde do Uruguai e a centralização da nação**

Paulino José Soares de Sousa nasceu na França em 1807, viveu na Europa até os 11 anos, veio para o Brasil e aos 16 retorna para Portugal. Em São Paulo, por volta de 1830, começa a fazer parte da elite política imperial, tem uma carreira política partidária e em 1854 recebe o título de Visconde.

O Visconde do Uruguai é um grande defensor da política de centralização, Ivo Coser afirma que:

No pensamento político de Uruguai, o ato de centralizar implicava em concentrar no centro comum a tarefa de estabelecer um laço entre as partes ativas e afastadas da nação. O centro comum deveria reunir em suas mãos o controle sobre a elaboração e implementação da justiça em todo território, sem permitir que essa seja alterada por

---

<sup>43</sup> SÁ, 2013.p.21.

particularismos provinciais; a justiça deveria ser uma para toda a nação<sup>44</sup>.

Visconde do Uruguai afirma sem centralização não haveria império, mesmo falando em centralização como principal característica da formação do Brasil, Ivo Coser afirma que:

[...] poucas imagens são tão fortes, ao longo do período estudado, quanto aquela que descreve o Brasil como um país marcado por uma dualidade representada por termos antíteses como *Litoral e Sertão* ou *Civilização e Barbárie*.

A ideia de uma nação formada por partes heterogêneas não servia para elite dominante, a dicotomia litoral e sertão ou civilização e barbárie foi tema de vários debates, pois, para a implantação da civilização seria necessário a exclusão de qualquer elemento que fosse ao contrário disso, e o sertão passou, então, a ser visto como uma ameaça para a construção dessa nova nação.

Para compreendermos a dicotomia sertão e litoral no processo de construção da identidade nacional, se torna inerente apresentar as diversas visões que negam ou reforçam esse dualismo, excluindo os sertões do processo de construção de identidade como propagava o Visconde de Uruguai, mas o literato Euclides da Cunha traz uma nova abordagem sobre esse assunto. Para esse estudioso, o cerne da nacionalidade brasileira estaria no interior nos sertões longe de qualquer influência ou impregnação de outras civilizações, pois o legítimo povo brasileiro era o do sertão, este seria o autêntico representante do Brasil. Veremos como esse dualismo foi abordado por Euclides da Cunha no capítulo 3 desse trabalho.

Aprofundaremos a discursão sobre a dicotomia sertão e litoral, civilização e barbárie, onde discutiremos a inserção do sertão como parte integrante da formação da nação brasileira ressaltando a incorporação do sertão na identidade nacional, como elemento inerente para a formação social e histórica do povo brasileiro.

Será feita uma reflexão sobre a inserção do sertão como parte do projeto de construção da identidade nacional, e como é caracterizado o termo sertão pelo Visconde do Uruguai, através da fala do autor Ivo Coser nos aprofundaremos sobre o ideal de nação propagado por o Euclides Cunha observando as divergências do

---

<sup>44</sup> COSER, 2005, p.276.

propagado por Visconde do Uruguai<sup>45</sup> (que é analisado por Ivo Coser). Por isso, faremos uma análise de como são utilizados e definidos esses conceitos, além dessa contextualização, será estudado também o ideal de nação de Varnhagem a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de Ana Priscila de Souza Sá e será historicizado a escrita descritiva de Euclides da Cunha com as definições de sertão da professora Ivone Cordeiro<sup>46</sup>.

#### 1.4 Euclides da Cunha, as suas principais influências em “Os sertões”

Para compreendermos a grandiosidade da obra “Os sertões” se faz necessário não apenas conhecermos o contexto social no qual está inserido, mas também conhecer um pouco das influências de Euclides da Cunha<sup>47</sup>.

É importante ressaltar que esse trabalho não visa ser um relato bibliográfico, apenas consideramos inerente abordar as influências que o autor sofreu ao longo da sua vida, pois estão encravadas em toda a sua obra.

“Os sertões” foi escrita por Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909) e publicada em 1902, quando este construía uma ponte em São José do Rio Pardo, São Paulo, Euclides da Cunha foi um homem que no decorrer de sua vida assumiu diversas funções: às vezes era literato, engenheiro, antropólogo, geólogo, etnógrafo, militar e repórter. Assim como, a sua obra Euclides da Cunha não pode ser conceituado<sup>48</sup> em apenas uma categoria.

---

<sup>45</sup> Vale lembrar que Ivo Coser em “O pensamento político na obra do Visconde de Uruguai” analisa esse sujeito.

<sup>46</sup> COSER, 2005.

<sup>47</sup> Euclides Pimenta Rodrigues da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866, no Rio de Janeiro no município de Cantagalo, começou os estudos com oito anos de idade, no Colégio Caldeira em São Fidélis, três anos depois se mudou para o Rio de Janeiro e passou a estudar no Colégio Aquino. Em 1885 começa a estudar engenharia na Escola Politécnica, do Rio de Janeiro, mas por causa da sua condição financeira é obrigado a matricular-se no curso de estado-maior e engenharia militar da Escola Militar, pois além de estudar ainda receberia alojamento, comida e um soldo para as suas despesas, Euclides da Cunha almejava o posto de alferes-aluno que além do reconhecimento que era atribuído esse título garantia um aumento nos soldos, mas decepcionado com o governo por não dar essa promoção faz um ato de protesto lança ao chão o sabre-baioneta no dia da inspeção das tropas realizada pelo ministro da guerra, por esse ato de protesto Euclides da Cunha foi desligado do exército, no entanto, conseguiu notoriedade e por isso foi convidado a escrever no jornal *A província de São Paulo* hoje conhecido como *O Estado de São Paulo* engajado na causa republicana.

<sup>48</sup> Partindo do pressuposto que conceituar é limitar.

Os sertões não é apenas um apanhado de matérias jornalísticas, científicas ou um belo trabalho literário, é sim uma mesclagem desses aspectos com várias influências da sua época de publicação<sup>49</sup>, tendo várias edições ao longo dos anos.

Constitui-se como uma das obras-primas da nossa literatura, onde estão presentes as misturas de questionamentos e formulações sociológicas, históricas, antropológicas e políticas que tem como tema central a guerra de canudos<sup>50</sup>.

A obra *Os sertões* foi escrita no período em que o país vivia mergulhado em incertezas políticas; devido ao seu caráter inovador a obra se constituiu como um divisor de água no pensamento social brasileiro do século XIX, e serve de referência até hoje quando se fala de identidade nacional brasileira.

Euclides da Cunha em 1896-1897 foi encarregado de cobrir a guerra de canudos<sup>51</sup>, supostamente um confronto entre o exército brasileiro e um grupo de fanáticos religiosos que lutavam contra a instauração da república, quando teve acesso a real situação percebeu que não era bem assim, e passa a assumir uma nova postura em relação aos fatos ocorridos em Canudos.

Nesse cenário se pode observar<sup>52</sup> uma população inteira ser dizimada, os sertanejos na definição do autor “era o cerne da nacionalidade brasileira” então sobre esse novo olhar passa a advogar e muitas vezes a exaltar o sertanejo e desvalorizar o mestiço do litoral, como ficou historicamente marcado pela seguinte passagem: “ O sertanejo é, antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”.<sup>53</sup>

Abordaremos algumas das influências que mais contribuíram para a construção do livro como: o determinismo, o naturalismo, também por questões inovadoras como o pré-modernismo, e questões antigas e ainda perturbadoras como o discurso das raças.

Em relação às questões de raças Euclides da Cunha (o índio, o negro e o branco) vai além dessa categoria e define uma sub-raça (os mestiços) que vivem no

<sup>49</sup> A publicação da obra “*Os sertões*” se deu no limiar do século XIX e sofreu as influências da época da produção, como: o determinismo, o naturalismo e o discurso das raças.

<sup>50</sup> A guerra de Canudos ou batalha aconteceu no sertão da Bahia, em 1886-1887. Era um confronto entre o exército brasileiro e um grupo de sertanejos da Bahia.

<sup>51</sup> Canudos era um local privilegiado da investigação de Euclides da Cunha, era um local distinto de outras regiões por que segundo alguns pesquisadores a população dessa região vivia numa espécie de sistema comunitário, sendo a propriedade privada, apenas os bens de uso pessoal.

<sup>52</sup> Muitos autores discordam que Euclides da Cunha esteve realmente em Canudos.

<sup>53</sup> CUNHA, p.130.

sertão, mas o sertanejo é colocado fora dessa categoria, pois é eleito por Euclides da Cunha como o legítimo representante da nacionalidade brasileira.

O livro “Os sertões” é dividido em três partes: a terra, o homem e a luta, nesse triple podemos perceber algumas das influências da sua época, já citadas anteriormente.

Começaremos pelo o determinismo que influenciou a estrutura da obra; segundo os pressupostos do determinismo os acontecimentos sociais devem ser sempre determinados por três fatores: meio, raça e momento.

Dentro do determinismo da época descreve o sertão da Bahia, os períodos da secas, das chuvas, do cenário que aconteceu a guerra, de como os sertanejos sobreviviam nesse local.

O seu carácter naturalista já era evidente á algum tempo, pois aos 18 anos de idade, quando estudava no Colégio Aquino publicou o seu primeiro artigo intitulado “*Em viagem*”<sup>54</sup>, nesse artigo demonstra o interesse pela descrição da natureza que permanece presente na primeira parte do livro trazendo influências da escrita narrativa, descritiva de Rocha Pita.

Euclides da Cunha influenciado pela escrita de Rocha Pita faz uma descrição minuciosa do sertão, descrevendo e exaltando todas as características do lugar, a fauna, o relevo, a seca, as chuvas, abordando também o povo sertanejo, descrevendo os seus traços e as condições em que viviam.

O engenheiro-escritor faz uma descrição do sertão colocando-o como uma região que não fazia parte do restante do país, pois era discriminada e excluída pela população do litoral<sup>55</sup>, tendo em vista esse direcionamento o autor vai trabalhar com uma nova definição do Brasil; a ideia de que existiriam dois Brasis: o do sertão e o do litoral. O autor cria uma nova identidade nacional, evidenciando o contraste cultural nos dois brasis, o do litoral com a sua nacionalidade exacerbada que não admite que aquela população atrasada seja considerada brasileira e comete um crime ao dizima-la, por isso a necessidade de denuncia-la.

Um das contribuições dessa obra foi o início do pré-modernismo, levantando questões como o contraste cultural nos dois “brasis” o do litoral mais civilizado, desenvolvido e o do sertão com aspecto colonial, atrasados vistos pela população

---

<sup>54</sup> Publicado no pequeno jornal dos alunos do Colégio Aquino.

<sup>55</sup> Na nossa produção historiográfica via-se principalmente o enaltecimento do litoral como principal representante da nação, excluindo o sertão e povo sertanejo da construção da identidade nacional.

litorânea como não brasileira. Esse aspecto é criticado por Euclides da Cunha, a nacionalidade exacerbada do povo do litoral fez com que a população sertaneja fosse vista apenas como povos mestiços não brasileiros, que deveriam ser massacrados e exterminados.

Em *Os sertões* podemos perceber que Euclides da Cunha utiliza todos os seus conhecimentos de historiador, de cientista, de engenheiro, para abordar em seu livro questões como clima, vegetação, homens e costumes do sertão, além de um relato sobre a guerra, aborda também a formação de Canudos, por esse e por muitos outros aspectos<sup>56</sup> que essa obra não se enquadra em apenas um gênero, pois mescla literatura, história, geografia, antropologia e sociologia.

---

<sup>56</sup> Outro aspecto surpreendente em *Os sertões*, de acordo com Roberto Ventura, é o cuidado estilístico e literário presente na obra.

## CAPÍTULO II :Sertão um lugar no Brasil

### 2.1 Conhecendo o sertão

Em sua obra-prima *Os sertões*, Euclides da Cunha<sup>57</sup>, ao afirmar que sociedade brasileira dava as costas ao sertão e voltava-se para o litoral, constrói um projeto de identidade nacional no qual inseri os sertões como parte da nação, mesmo não sendo este o objetivo com que escreveu o livro<sup>58</sup>, tomou está feição, tornando-se um dos maiores clássicos da historiografia brasileira, para Euclides da Cunha o sertão é:

E o sertão é um paraíso... (...) Sucedem se manhãs sem par, em que o irradiar do levante incendiado retinge a púrpura das eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeadas os festões multicores das bignônias. Animan-se os ares numa palpitação de asas, célebres, ruflando. Sulcam-nos as notas de clarins estranhos. Num tumultuar de desencontrados vôos passam, em bandos, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes... enquanto feliz, deslembrando de mágoas, segue o campeiro pelos arrastadores, tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta. Assim se vão os dias. Passam se um, dois, seis meses venturosos, derivados da exuberância da terra, até que surdamente, imperceptivelmente, num ritmo maldito, se despeguem, a pouco e pouco, e caiam, as folhas e as flores, e a seca se desenhe outra vez nas ramagens mortas das árvores decíduas<sup>59</sup>. (sic)

Para compreendermos o sertão analisado e defendido por Euclides da Cunha é necessário conhecermos o conceito da palavra sertão, bem como o que o define e o que o constitui. Sertão, definido no minidicionário do professor Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é:

Sertão sm. Bras. Zona pouco povoada do interior do país, em especial do interior da parte norte Ocidental, mais seca do que a caatinga.

Sertanejo: 1 do sertão, ou que habita. 2. Rústico, agreste. 3. V. caipira(2). Sm. 4. V caipira(1)<sup>60</sup>

<sup>57</sup> A extravagância de um exílio subjetivo. CUNHA apud Barbosa, p. 205.

<sup>58</sup> Como podemos observar nas palavras de Euclides da Cunha escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante [...] a princípios e resumia à história da Campanha de Canudos, [quando] intentamos esboçar [...] os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil, p. 13.

<sup>59</sup> CUNHA apud GALVÃO, 2000, p. 58.

<sup>60</sup> FERREIRA, Aurélio B. de H. Mini Aurélio, o minidicionário da língua portuguesa século XIX, Ministério da Educação: Editora nova fronteira, 2001, P.551.

De acordo com Ricardo Luiz de Souza:

Na cultura brasileira, a visão do sertão como uma região distante, temporal e geograficamente da civilização é bastante anterior a Euclides [...]. O sertão já surge, então, como o território a ser civilizado, onde predomina a violência a ser domada.<sup>61</sup>

E na definição da professora Ivone Cordeiro Barbosa:

[...] desde a sua concepção mais antiga, *sertão* é uma palavra que carrega um profundo sentido político, pois, apesar de todas as diversidade de referenciais em que se apóia, tem seu significado sempre referido a uma centralidade, que pode parecer geográfica e espacial, mas na verdade é política.<sup>62</sup>(sic)

Essas três caracterizações dos sertões, são de obras distintas e complexas que se complementam entre si, e nos ajudam a analisar o termo sertões; é partindo dessas definições que compreendemos a base de suas definições.

Euclides da Cunha não define em sua obra o termo sertão, mas deixa claro o distanciamento do sertão e do litoral, não apenas geograficamente, mas politicamente.

É nos “*sertões*” de Euclides da Cunha que se tem a melhor caracterização das paisagens sertanejas. Nas suas palavras eloquentes que podemos perceber toda a beleza da fauna e da flora do sertão, como podemos observar na seguinte citação:

As juremas, prediletas dos caboclos — o seu haxixe capitoso, fornecendo-lhes, grátis, inestimável beveragem, que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito um filtro mágico — derramam-se em sebes, impenetráveis tranqueiras disfarçadas em folhas diminutas; refrondam os marizeiros raros — misteriosas árvores que pressagiam a volta das chuvas e das épocas aneladas do *verde* e o termo da *magrém*<sup>1</sup> — quando, em pleno flagelar da seca, lhes porejam na casca ressequida dos troncos algumas gotas d’água; reverdecem os angicos; lourejam os juás em moitas; e as baraúnas de flores em cachos, e os araticuns à ourela dos banhados... mas, destacando-se, esparsos pelas chapadas, ou no bolear dos cerros, os umbuzeiros, estrelando flores alvíssimas, abrolhando em folhas, que passam em fugitivos cambiantes de um verde pálido ao róseo vivo dos rebentos novos, atraem melhor o olhar, são a nota mais feliz do cenário deslumbrante.<sup>63</sup>

<sup>61</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. Identidade Nacional e modernidade Brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.78.

<sup>62</sup> BARBOSA, 2000. p. 35.

<sup>63</sup> CUNHA apud GALVÃO, 2000, p. 52

Mas é nessa região em que ocorre todo o desprezo político, visto como uma terra inóspita, incivilizada, constituída por gente rústica e rude, mas seria apenas esse o motivo de diferenciação do sertão e do litoral? Não cabe a esse trabalho responder a essa pergunta, mas é interessante refletirmos, resumidamente, sobre isso.

Seria essa separação semelhante aos possíveis fenômenos ocorridos em Canudos, como: atribuída a elementos religiosos, ou a opressão de uma recém formada república aos defensores do antigo regime monárquico? Na verdade, os fatos que se apresentam nos direcionam para análises mais complexas e que nunca saberemos ao certo quais as reais causas desse distanciamento.

O fato é que o sertão seria tudo aquilo que o litoral não era, ou pelo menos, não queria parecer, pois não tinha um povo incivilizado, miscigenado com terras áridas. Talvez, essa separação teria início a partir desse ponto, o que podemos observar nas palavras de Ivone Cordeiro Barbosa é que tudo estaria relacionado à uma questão política:

Mas na segunda metade do século XIX e início do século XX, no bojo do processo de luta e do debate em torno da necessidade de construir a nação é que 'sertão' chegou a construir categoria absolutamente essencial(mesmo quando rejeitada) em todas as construções historiográficas que tinha como tema básico a nação brasileira”, de forma a ganhar status, no interior da produção historiográfica, como categoria de pensamento social fundamental ao entendimento da experiência histórica brasileira não só no período colonial, como também, na construção da chamada identidade nacional.<sup>64</sup>

É a partir desse ponto que Euclides da Cunha define o sertão como um outro Brasil, ressaltando a dicotomia entre sertão e litoral.

Euclides da Cunha atribui ao sertão o cerne da nacionalidade brasileira, e concebe a Canudos o mito da nacionalidade, dividindo o Brasil em dois: o Brasil do litoral representado pela elite e o Brasil do sertão representado por sertanejos, o engenheiro-escritor expõem assim as suas considerações em relação ao litoral e a os sertões.

---

<sup>64</sup> AMADO apud BARBOSA, 2000, p.38.

Ao invés da inversão extravagante que se observa nas cidades do litoral, onde as funções altamente complexas se impõem a órgãos mal constituídos, comprimindo-os e atrofiando-os antes do pleno desenvolvimento — nos sertões a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de envolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior<sup>65</sup>.

Podemos perceber que Euclides da Cunha nutre um posicionamento em advoga a favor dos sertões, atribuindo a essa região a base da nacionalidade brasileira, pois estaria isolada das influências as quais estavam impregnadas no litoral.

De acordo com Souza<sup>66</sup>, os sertões teriam abrigado a identidade nacional da “descaracterização promovida pela civilização litorânea”. Alberto Rangel descreve assim, o cerne da nacionalidade brasileira:

O seu papel proeminente é o de um **conservador de nossos traços étnicos mais fundos, como povo vencedor de uma adaptação estupenda**. Se os sertões não fossem algo de estorvo passivo às fáceis desnaturalizações da beira-mar, seríamos uns descaracterizados; na salsugem do contato marinho dar-nos-ia um uniforme total a civilização dos paquetes e couraçados.<sup>67</sup> (grifo nosso)

A pureza sertaneja estava protegida pela pobreza e isolamento que configuravam o espaço sertanejo, por outro lado, a elite litorânea acreditava<sup>68</sup> que o progresso da nação só seria alcançado com a superação do “atraso” sertanejo. Cassiano Ricardo ilustra assim a dicotomia sertão e litoral:<sup>69</sup>

O sertão e a cidade prestam-se obséquios mas não se casaram ainda em definitivo. Casa-se o homem com a terra, cassam-se as raças. O sertão e a cidade são noivos há 400 e tantos anos e ainda não se cassaram. Ela não compreende, por preconceitos ou defeitos culturais, o seu noivo sedutor e feroz.<sup>70</sup>

<sup>65</sup> CUNHA apud GALVÃO, p.125.

<sup>66</sup> SOUZA, 2000.

<sup>67</sup> Alberto Rangel apud Souza (2007), p.82.

<sup>68</sup> De acordo com Gaburo (2009), para a elite do litoral o mestiço sertanejo dentro da questão racial era inferior por ser fruto da mistura das três raças por isso o seu estado de atraso cultural, de fraqueza e de falta de civilização, a nação só conseguiria atingir o progresso quando essa região saísse do seu estado de barbárie.

<sup>69</sup> Nesse caso podemos observar que Cassiano Ricardo utiliza o termo cidade para se referir ao litoral.

<sup>70</sup> Cassiano Ricardo apud Souza (2007), p. 83.

De fato, afirmações assim, ilustradas na citação anterior seriam um pouco arriscadas, pois, não temos a certeza dos motivos da união ou da distinção dos sertões e do litoral, mas sim o que temos são vários questionamentos.

Seria o litoral e os sertões partes distintas de um mesmo país, ou apenas um todo dividido pelas incompreensões e preconceitos?

## 2.2 Identidade e alteridade nos Brasis de Euclides da Cunha

Trabalhar com o conceito de identidade não é uma tarefa fácil, é uma longa caminhada onde existem vários empecilhos. São várias as definições para a palavra identidade, mas nesse trabalho utilizaremos as definições de Durval Muniz de Albuquerque Júnior<sup>71</sup> e Stuart Hall<sup>72</sup>.

O uso da identidade como uma argumentação para atingir algum objetivo é um caminho muito utilizado por várias figuras, seja no mundo da política ou no espaço acadêmico, como podemos perceber no texto do professor Durval Muniz e na obra “Os sertões” de Euclides da Cunha.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior em “As malvadezas da identidade”, fala sobre dois senadores nordestinos, que além desse aspecto em comum também possuem o uso da identidade, nesse caso a identidade nordestina como argumentação, ou melhor, dizendo como uma estratégia de poder para garantir votos.

Mas o debate principal é como se formou essa identidade nordestina? Durval Muniz afirmar que se deu através de imagens e enunciados que não passaram por nenhuma crítica, à “história” se apropriou da miséria, da discriminação e marginalização dessa área para usarem como “causa” da criação do nordeste e não as suas consequências<sup>73</sup>.

Podemos expandir essa discursão para um debate ainda maior que seria a identidade da “nação brasileira”. No século XIX período em que havia uma forte discursão em relação aos projetos de construção da identidade nacional brasileira esse tema foi imensamente debatido.

---

<sup>71</sup> ALBURQUERQUE JR., 2000.

<sup>72</sup> HALL, 2000.

<sup>73</sup> Ver Durval Muniz de Albuquerque Júnior, A invenção do nordeste, 1999.

Um dos escritores que abordam esse período é o Euclides da Cunha na época marginalizado<sup>74</sup> pela sua condição social, propôs uma nova interpretação da identidade nacional, que atribuía aos sertões características do povo genuinamente brasileiro.

A maioria dos interpretes, como Varnhagem e Von Martius, não davam importância a alguns elementos que estavam constantemente presentes no Brasil, como a heterogeneidade da nação.

Varnhagem com o seu projeto de uma nação ideal que não contemplava a condição real do Brasil de país miscigenado, que possuía grande diversidade geográfica, ignorava sempre essas características intrínseca da nossa formação.

Euclides da Cunha critica sempre na sua obra a alienação das elites ao tratar desses elementos ignorando ou colocando-os como fatores de pouca importância para a formação da identidade do Brasil e pelos diversos intérpretes, observamos a seguinte citação:

Alheamo-nos desta terra. Criamos a extravagancia de um exílio subjetivo, que dela nos afasta, enquanto vagueamos como sonâmbulos pelo seu seio desconhecido. Daí, em grande parte, os desfalecimentos da nossa atividade e do nosso espírito. O verdadeiro Brasil nos aterra; trocamos-lo de bom grado pela civilização mirrada que nos acotovela na Rua do Ouvidor<sup>75</sup>.

Segundo Euclides da Cunha o Brasil da elite não corresponde ao Brasil que temos. O autor denuncia esse fato e afirma que isso foi devido ao medo que a elite tinha de ser sucumbida por essa outra realidade, a inércia da elite não permitia e não queria o reconhecimento desse outro Brasil.

Prova crucial desse fato é a batalha travada entre a força militar republicana e a população de Canudos, que foi dizimada. A tropa militar sobre forte pressão da elite não se deu por vencida após três tentativas frustradas de aniquilamento da população de Canudos, que sobre intenso ataque foi devastada no entardecer do dia cinco de 1987<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> Ver mais sobre o assunto em SOUZA, Ricardo Luiz de. Identidade Nacional e modernidade Brasileira: o diálogo entre Sívio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freire, p. 71.

<sup>75</sup> CUNHA apud GALVÃO, 1995, p.67.

<sup>76</sup> "Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois

Nesse contexto de dicotomia sertões e litoral, podemos identificar duas identidades com posições nacionais bem distintas.

Stuart Hall descreve assim, o processo de identificação<sup>77</sup>:

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma saturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre “demasiado” ou “muito pouco” – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. **Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao “jogo” da *différance***, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e marcação de fronteiras simbólicas, a produção de efeitos de “fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – **o exterior que a constitui**<sup>78</sup>(sic). (grifo nosso)

A partir dessa definição que podemos compreender que a identidade está diretamente ligada a diferença, para se constituir a identidade se faz necessário primeiramente identificar as diferenças, o litoral, por exemplo, se identifica exatamente por aquilo que ele não é, um incivilizado e atrasado como o sertão, como afirma Tomas Tadeu da Silva<sup>79</sup> a diferença é sustentada pela exclusão, ou seja, só poderia identificar quem eu sou a partir do que eu sei que não sou, de forma resumida, podemos dizer que a diferença constitui a identidade.

A identidade da nação brasileira por muito tempo foi representada pelos projetos de construção da identidade que apontavam apenas o litoral como o único representante do povo brasileiro.

Euclides da Cunha incomodado com essa situação aborda de forma inovadora a dicotomia sertões e litoral, desconstruindo a imagem de unidade da nação.

Os dois Brasis de Euclides da Cunha se constituem a partir das diferenças entre ambos, de acordo com Stuart Hall, sendo assim, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.

A relação com Outro, de exclusão, ou a falta de algo, é o que vai constituir a identidade de um sujeito e nesse caso de uma nação.

---

homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”. (sic) CUNHA, p.497 apud Galvão.

<sup>77</sup> Ver mais sobre o assunto em Stuart Hall, em *Identidade cultural na pós-modernidade*, 2000.

<sup>78</sup> Stuart Hall, p.106 apud Tomas Tadeu da Silva

<sup>79</sup> SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença**: as perspectivas dos estudos culturais/ Tomas Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

**Pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. Derrida mostrou como a constituição de uma identidade está sempre baseada no ato de excluir algo e de estabelecer uma violenta hierarquia entre os dois pólos resultantes – homem/mulher etc<sup>80</sup>. (grifo nosso)**

Esses aspectos da construção da identidade podem ser relacionados com a dicotomia da qual Euclides da Cunha dividi o Brasil, durante o século XIX a elite do litoral de diferentes maneiras, seja pela guerra ou pelo distanciamento político<sup>81</sup> tentou suplantar os sertões, identificando-lhe como uma ameaça, e sempre excluindo-o do processo de construção da identidade brasileira.

### **2.3 À inserção do sertão como parte integrante da formação da nação brasileira**

Muitos historiadores chamam a atenção para os termos civilização, barbárie, litoral e sertão para a interpretação dos diversos projetos de construção da identidade nacional, alguns desses projetos excluem ou até ignoram a presença dos sertões para a formação da nação, por isso, se tornou pertinente neste trabalho o levantamento de como esses termos eram determinados.

Na obra<sup>82</sup> O pensamento político do Visconde do Uruguai e o debate entre centralização e federalismo no Brasil (1822-1866), Ivo Coser dedica um capítulo<sup>83</sup> inteiro para dar significado a alguns termos, como: de um lado civilização/litoral, e do outro, a sua antítese barbárie/sertão.

À análise desses termos é significativa devido ao fato que a maioria dos intérpretes da historiografia brasileira faziam constante o debate e a utilização desses termos para construir os seus projetos de nação.

Nesse trabalho serão estudados os conceitos de sertão, civilização, barbárie e a dicotomia sertão X litoral analisado e interpretado por Ivo Coser, que serviram de auxílio para a interpretação dos dois Brasis defendido por Euclides da Cunha.

<sup>80</sup> Laclau, 1990, p. 33 apud Tomas Tadeu da Silva

<sup>81</sup> De acordo com Barbosa os sertões está distante tanto geográfica como politicamente do litoral.

<sup>82</sup> COSER, 2005.

<sup>83</sup> Estamos nos referindo especificamente ao capítulo 5\_ Civilização e Sertão.

Ivo Coser ressalta que o Visconde do Uruguai assim como várias outras pessoas da elite, não davam importância à presença de uma massa heterogênea da população, sempre centralizando a nação, e unificado o povo. Esse pressuposto da centralização da nação defendido por Uruguai difere em alguns pontos do pressuposto de dois brasis defendido por Euclides da Cunha, como veremos posteriormente.

O Visconde do Uruguai acreditava que o povo bárbaro do sertão seria suplantado pela civilização, que estaria condenado ao desaparecimento se não saísse do estado de barbárie e se tornasse civilizado, o sertão estava subjugado ao processo de desenvolvimento do litoral.

Ivo Coser afirma que:

O sertão é julgado a partir dos valores presentes no pólo da civilização.

Na hipótese que desenvolvemos sobre a reflexão de Uruguai, o termo *civilização*, e os significados que o compõem, constitui o pólo forte da dicotomia. É a partir do seu conteúdo que é pensada a evolução da sociedade brasileira<sup>84</sup>.

O visconde de Uruguai defendia que as características do desenvolvimento do litoral era o padrão que deveria ser seguido pelo sertão, que tudo que fosse exótico pertenceria a barbárie, ou seja, todas as particularidades dos sertões eram vistas como elementos da barbárie, sendo assim, o sertão era visto como: “um elemento estranho à ordem liberal que estava em construção no Brasil”.<sup>85</sup>

Podemos observar que ao ser comparado o processo de desenvolvimento do litoral com o sertão, este passa a ser visto como parte distinta, não sendo inserido ao processo de formação da identidade nacional, a ideia de uma nação heterogênea não servia para a elite, pois o que era diferente, distinto do litoral poderia atrapalhar a construção da nova nação, então o sertão passou a ser visto como uma ameaça.

Como podemos observar na seguinte citação:

No interior de muitas de nossas Províncias vivem os seus habitantes separados um dos outros, e das povoações por grandes distâncias, cobertas de matas e serras **em um certo estado de independência, e fora do alcance da ação do Governo e das autoridades. Essa**

---

<sup>84</sup> COSER, p. 167.

<sup>85</sup> Ver Fernandes (1975).

**população não participa dos poucos benefícios da nossa nascente civilização, [...] desconhece a força das Leis, zomba da fraqueza das autoridades, todas as vezes que vão de encontro aos seus caprichos. Constitui parte distinta da Sociedade do nosso litoral e de muitas de nossas povoações e distritos, principalmente por costumes bárbaros.**<sup>86</sup> (grifos do autor)

De acordo com o Visconde do Uruguai o sertão deveria rapidamente estar subjugado ao litoral, não deveria viver em um estado de independência, pois, a qualquer momento poderia entrar em choque com o governo.

Segundo o Visconde do Uruguai civilização e sertão são termos opostos e excludentes, que se afastam e se repelem, além disso, são antíteses presentes na ideia de civilização.

Ainda de acordo com o Visconde do Uruguai o termo civilização possui vários significados entre eles: “o progresso”, “a evolução”. Portanto, o desenvolvimento de uma região partiria da sua civilização, e o afastamento dessas regiões civilizadas trariam muitos problemas como a insegurança. Como salienta Ivo Coser:

[...] à medida que o cidadão vai se afastando das regiões civilizadas aumenta a insegurança. Nas regiões bárbaras, a irrupção da violência será sempre uma possibilidade a atormentar o cotidiano do cidadão, ameaçando sua vida, sua propriedade e conturbando o processo político. A violência confere à vida social nessas regiões um sentimento de imprevisibilidade permanente que, para estes homens do século XIX, bloqueia o pleno desenvolvimento da civilização<sup>87</sup>.

Nas palavras de Ivo Coser “o termo *civilização*, e os significados que o compõem, constitui o pólo forte da dicotomia Sertão e litoral.” (sic) e a superação dessa dicotomia só poderia acontecer com a evolução imposta pela civilização.

Para o Visconde do Uruguai uma região civilizada contaria com indivíduos que tivessem amor ao trabalho, a ordem e a propriedade, e as regiões que não contassem com esses traços seriam incivilizadas e mergulhadas na insegurança, para Ivo Coser essa afirmação contribuiria para a seguinte definição, “civilização/sertão: propriedade e riqueza/pobreza material”.

<sup>86</sup> URUGUAI (Relatório de Ministro da Justiça, 1841, p.19) apud COSER, p.167.

<sup>87</sup> COSER, p.176

A riqueza, por sua vez, é um dos traços marcantes da civilização. Enquanto a *barbárie* é marcada pelo atraso material, um dos traços centrais da civilização é o progresso material. E esse progresso material civiliza os hábitos e costumes dos indivíduos, e o faz de maneira a “polir” a brutalidade que os distinguia na barbárie.<sup>88</sup>

No sertão as pessoas viviam dispersas, sem ordem social e política, além disso, de acordo com Ivo Coser os homens pobres livres eram marcados pelo ócio, o que caracterizavam como menos civilizado já que um dos elementos para o processo civilizatório proferido pelo Visconde do Uruguai contaria com a “competição por salários”, a civilização que não contasse com a disciplina imposta pelo trabalho seria uma civilização “atrasada”, como vimos uma das principais características para que uma sociedade seja vista como civilizada é o seu desenvolvimento econômico, bem como a sua capacidade de ambição pelo acúmulo ao dinheiro, e como a sociedade do sertão não tinha a necessidade do acúmulo de dinheiro e de bens materiais passavam a ser caracterizados como não evoluído.

Outra característica levantada pela caracterização do atrasado do sertão é o ócio ao trabalho como era colocado por alguns membros da elite do litoral, de acordo com isso o povo do sertão era muito indisciplinado ao trabalho o que, por conseguinte acarretaria o atraso econômico e social.

De acordo com Edward Palmer Thompson<sup>89</sup>o horário, a marcação do tempo dos camponeses é diferente do horário do homem da cidade, pois, às horas não são as dos relógios, mas sim a da natureza, é a partir disso, que podemos observar o estereótipo do sertanejo como um homem indisciplinado e preguiçoso, os sertanejos não estavam interessados em dinheiro, mas apenas produzir alimentos para a sua subsistência, como já foi ressaltado anteriormente a ambição pelo o acúmulo de dinheiro acarretava o progresso e por conseguinte a evolução.

## 2.4 O Piauí na construção da identidade nacional

O sertão é mais que um espaço geográfico, espacial e político, vai além, possui uma conjuntura simbólica, cultural e imaginária, no sertão está todo o suporte de uma gente.

---

<sup>88</sup> Idem, p.183

<sup>89</sup>Ver mais sobre isso em: Eduard Palmer Thompson, Costumes em comum.

A palavra *sertão* guarda um enorme poder de evocação de imagens, sentimentos, raciocínios e sentidos que em torno dela foram sendo construídos ao longo da experiência histórica brasileira. Além de referir-se a um determinado espaço geográfico – o interior, as terras distantes do litoral, sendo esta, provavelmente, a sua articulação mais imediata e linear -, é no seu conteúdo cultural, ao designar um determinado espaço como lugar de tradições e costumes antigos, enfim, naquilo que é concernente às experiências históricas vividas nesse espaço, que a força simbólica do sertão mais se faz sentir. Portanto, se a palavra tem essa força, ela se assenta principalmente no significado das experiências que historicamente tem se consubstanciado e qualificado o espaço sertanejo<sup>90</sup>.

De acordo com Barbosa, são vários os elementos que configuram o espaço sertanejo no imaginário brasileiro, no caso a autora especifica mais ao sertão do Ceará, mas nesse trabalho abrangeremos os sertões.

O termo sertões logo de início nos traz a imagem de um lugar de clima desértico, povoado por sertanejos, estes vistos como rudes caipiras e principalmente no século XIX, vistos como incivilizados, mas existem vários questionamentos: como essa imagem foi construída? Por quem? Quando? Por quê?

Difícilmente conseguiremos responder a alguma dessas perguntas e mesmo se tentássemos, não existe apenas uma verdade, como diria Marc Bloch não existe verdade absoluta, e no fim nunca saberemos como esse estereótipo do sertão foi criado ou até mesmo “inventado”.

O professor Durval Muniz<sup>91</sup> levanta uma discussão sobre a invenção do nordeste, além disso, fala sobre a distinção entre o norte e o nordeste, afirmando que ambos são sinônimos; podemos fazer referência direta a essas colocações com as de Euclides da Cunha que faz a distinção entre o sertão e o litoral, assim como Euclides da Cunha, Durval Muniz traz a afirmativa de um discurso de inferioridade do sertão, criando alguns pré-conceitos<sup>92</sup> que permanecem até hoje, e avançam para diferentes instâncias, como no nordeste e conseqüentemente no Piauí.

Assim como, umas das maneiras de construir uma história para o Brasil através de um concurso arquitetado pelo IHGB, o governador do Piauí Alberto Silva,

---

<sup>90</sup> BARBOSA, 2000, p.33.

<sup>91</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999.

<sup>92</sup> Refere-se a um estereótipo preexistente da inferioridade dos sertões que perpassam para o nordeste e conseqüentemente para o estado do Piauí.

segundo Moura<sup>93</sup>, cria um concurso para estimular os homens de letras a escreverem sobre a inserção do Piauí no contexto brasileiro.

Moura, ressalta a preocupação com o pequeno número de obras historiográficas produzidas sobre o Piauí, ressalta ainda a preocupação que deveria existir com a legitimação da sua imagem, preocupação está contemplada pelos intelectuais piauienses, e bastante incentivada pelos governantes da região.

Moura aborda a inserção do Piauí na conjuntura nacional, sempre ressaltando os seus feitos históricos, atribuindo uma identidade piauiense que é pouco reconhecida no contexto nacional<sup>94</sup>.

De acordo com Elson Rabelo<sup>95</sup>, o Piauí foi pouquíssimas vezes mencionado nos projetos de construção da identidade nacional brasileira, o autor também chama a atenção para os discursos identitários piauienses, que até certo momento não estavam inseridos nos projetos de construção da identidade brasileira, até mesmo por que não estava construída a própria identidade piauiense.

Posteriormente houve a nordestinização<sup>96</sup> do Piauí que agora era caracterizado como parte integrante do sertão nordestino e, por conseguinte foi em alguns casos rotulado como o sertão do Piauí.<sup>97</sup>

---

<sup>93</sup> Moura, Iara Conceição Guerra de Miranda Historiografia piauiense: relações entre escrita histórica e instituições político-culturais./ Iara Conceição Guerra de Miranda Moura. Teresina: 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí, 2010.

<sup>94</sup> Como a participação do estado nas lutas das independências do País, ver mais sobre isso em Moura.

<sup>95</sup> RABELO, Elson de Assis. A História entre Tempos e Contratempos: Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí./ Elson de Assis Rabelo. Natal, 2008. 200 f. Dissertação (mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>96</sup> Ver mais sobre o assunto em Elson de Assis Rabelo.

<sup>97</sup> Essas características podem ser atribuídas ao regionalismo defendido por Durval Muniz (1996).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questões como as que foram citadas anteriormente podem ampliar ainda mais a temática da identidade sertaneja, ou ainda mais, a temática da identidade brasileira, pois como vimos a identidade do litoral e dos sertões só foram desenhadas a partir do que lhe era estranho um no outro.

Mas essa discussão, deixamos, quem sabe para um próximo trabalho ou para algum pesquisador curioso que queira destrinchar as incertas da formação da identidade nacional brasileira e piauiense.

Esse trabalho teve como objetivo problematizar as discussões acerca da nação e da identidade nacional, a partir da obra *Os sertões* de Euclides da Cunha procuramos historicizar e contextualizar as vertentes que moldaram os projetos da identidade nacional brasileira, além do mais procuramos compreender a dicotomia sertão e litoral no processo de construção da identidade nacional.

Nossa fonte principal de pesquisa foi a obra *Os sertões* de Euclides da Cunha, de onde retiramos várias informações necessária para compreendermos a identidade nacional brasileira. A análise da dicotomia sertão e litoral nos ajudaram a compreender os conceitos e pré-conceitos que cercam a identidade sertaneja, que de uma forma ou de outra permanecem até hoje, fazendo com que o tema da identidade sertaneja sempre seja atual.

Sendo assim acreditamos que o nosso objetivo foi alcançado, porém, se faz claro que em todo trabalho humano existem falhas e rupturas, pois erros e incompreensões são inerentes aos seres humanos, deixamos em aberto novas perspectivas e possibilidades para esse tema.

Mas, e o Brasil, já tem uma identidade nacional definida?

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina de. **O enigma de Os sertões**. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *Um engenho anti-moderno - A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. Campinas, SP: Unicamp, 1994, Tese (Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão: um lugar-incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE; Secretária de Cultura e Deposto do Estado, 2000.
- BLOHC, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CANDIDO, Antônio. **O romantismo no Brasil / Antônio Candido**. – São Paulo: Humanitas / FFLCH /SP, 2004.
- \_\_\_\_\_, **Formação da literatura brasileira (1750-1836): momentos decisivos**. Belo Horizonte; Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975.
- CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo**. (EUA, França, Portugal ). Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.
- CÉZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história historiografia e nação no Brasil do século XIX. **Diálogos**, DHI/UEM, v. 8, n. 1, p. 11-29, 2004.
- CHALHOUB, Sidney (et al). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2005.
- COSER, Ivo. **O pensamento político do Visconde do Uruguai e o debate entre centralização e federalismo no Brasil (1822-1866)**, 2005. 432f. (TESE) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, 2005.
- FREIRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- GABURO, Vanderson Roberto Pedruzzi. **O sertão vai virar gente : sertão e identidade nacional em Afonso Arinos** . 2009. 148 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2005.
- GUIMARÃES, Manoel luís salgado. **Nação e civilização nos trópicos: o instituto histórico e geográfico brasileiro e o projeto de uma história nacional estudos históricos**, Rio de Janeiro, n.1, 1988.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: Programas, mitos e realidades**. Rio de Janeiro. Paz E Terra, 1990.

LOBATO, Sidney da Silva. **Estado, Nação e Região na obra de Arthur César Ferreira Reis. Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 13, n. 3, p. 625-642, 2009.

MACIEL, Guilherme de Souza. **O Recriador Mineiro (Ouro Preto: 1845 – 48):** Formas de Representação do Conhecimento Histórico na Construção de uma Identidade Nacional. Belo Horizonte, 2005. 195 f. (Tese) dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MARTIUS, Karl Friedrich Plilipp Von. **Como se deve escrever a História do Brasil.** Revista do IHGB. Rio de Janeiro 6 (24) 389 – 411. Janeiro de 1845. (revista trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. N. 24, janeiro de 1845). Divulgado em : (<http://>

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. **Varia história.** Belo Horizonte, vol. 26, nº 43: p.283-298, jan/jun 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo; Brasiliense, 1984.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Literatura, história e identidade nacional,** Vidya 33, Janeiro e junho, 2000. P.11

PITA, Sebastião da Rocha. 1660-1738.; **História da América Portuguesa.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

RABELO, Elson de Assis. **A História entre Tempos e Contratemplos:** Fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí./ Elson de Assis Rabelo. Natal, 2008. 200 f. Dissertação (mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

REIS, José Carlos Reis. **As identidades do Brasil:** de Varnhagem a FHC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

SÁ, Ana Priscila de Sousa. **Do império do Brasil à nação brasileira:** O memorial orgânico de Varnhagen e a construção de uma nação civilizada nos trópicos. 2013. 151f. Monografia (Curso de Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2013.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença:** as perspectivas dos estudos culturais/ Tomas Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na primeira república.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Identidade Nacional e Modernidade Brasileira: O diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freire.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das letras, 1998.

VANHARGEN, Francisco Adolfo de. **Visconde de Porto Seguro, 1816- 1878.** Varnhagen; história / organizador [da coletânea] Nilo Odália. – São Paulo: Ática 1979.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **“A Literatura como espelho da nação”.** In: *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, Vol. 1, n 2, 1988, pp.239-263..

TURIN, Rodrigo. **Narrar o passado, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista.** 2005. 203 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

## FONTES

CUNHA, Euclides da. *Os sertões - campanha de Canudos*, edição crítica de Walnice Nogueira Galvão.

\_\_\_\_\_. 1866-1909. **À margem da história.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Obras completas**, Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro. Aguillar, 1966.

\_\_\_\_\_. **Correspondência de Euclides da Cunha.** Org: GALOTTI, Oswaldo e GALVÃO, Walnice Nogueira. São Paulo: EDUSP, 1997.

\_\_\_\_\_. **Diário de uma expedição.** Org: GALVÃO, Walnice Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_, **Contastes e confrontos.** São Paulo: Cultrix. 1975.

\_\_\_\_\_, **Os Sertões.** São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

\_\_\_\_\_, **Caderneta de campo.** São Paulo: Cultrix, 1975.

PIMENTEL, Talita Cristina Pimentel. **A nação e seus outros: uma leitura subalterna de Os sertões de Euclides da Cunha.** 2010. 79 f. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos. 2010.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha e a república.** Estudos Avançados, 1996



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
(X) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Osiana Antônia da Silva,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Nação e identidade nacional em “Os sertões” de  
Euclides da Cunha  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de 01 (Janeiro) de 2017.

Osiana Antônia da Silva  
Assinatura